

ESCRAVIDÃO E(M) QUADRINHOS: UM DIÁLOGO ENTRE A HISTORIOGRAFIA E A CULTURA HISTÓRICA DAS HQ's

SLAVERY AND COMIC BOOKS: A DIALOGUE BETWEEN HISTORIOGRAPHY AND HISTORICAL CULTURE OF COMICS

Hezrom Vieira Costa LIMA*

Resumo: As Histórias em Quadrinhos (HQs) são meios de comunicação amplamente difundidos em nível nacional. Como todo e qualquer produto cultural, seus autores estão inseridos em sociedades que apresentam contradições e embates, os quais são reproduzidos em suas obras. Diante desse contexto, o presente trabalho tem por objetivo analisar a cultura histórica na HQ “O quilombo Orum Aiê” de André Diniz, a partir dos pressupostos teóricos de Rüsen (2001) e Flores (2007), percebendo como as HQs, produções culturais que estão à parte do cânone historiográfico e da historiografia, repercutem as opções teóricas e metodológicas da “Nova História Social da Escravidão”, iniciada no Brasil após a década de 1980. Ademais, a análise foi realizada demonstrando de que forma a historiografia é refletida nas Histórias em Quadrinhos nacionais que abordam a temática da escravidão.

Palavras-chave: Cultura Histórica. História em Quadrinhos. Historiografia. Escravidão.

Abstract: The Comics Books (Comics) are media widely disseminated nationally. As any cultural product, its authors are embedded in societies with contradictions and conflicts, which are reproduced in these Works. In this sense, this paper aims to analyze the historical culture in comics, from the theoretical assumptions of Rüsen (2001) and Flores (2007), echo theoretical and methodological options of the New Social History of Slavery, started in Brazil after the 1980s the analysis was performed demonstrating how historiography is reflected in the satires in national comics that address the issue of slavery.

Keywords: Historical Culture. Comics Books. Historiography. Slavery.

Introdução

A partir do final dos anos 1980, e início dos anos 1990, a historiografia sobre a escravidão no Brasil vem se modificando. A principal transformação ocorreu no campo epistemológico, quando homens e mulheres na condição de cativos passaram a ser percebidos como sujeitos históricos participantes do processo histórico. Não mais analisa um suposto caráter bondoso na escravidão, como ocorreu na década de 1930 com Gilberto Freyre, ou se fazem análises em relação ao rompimento das relações escravistas, como fez Clóvis Moura no final da década de 1950 e início da década de 1960. As novas abordagens começaram a analisar os processos históricos ocorridos após a Diáspora Negra, enfocando seus estudos nas dinâmicas sociais envolvendo os escravizados,

* Mestre em História – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB. Professor da Universidade Paulista – UNIP, campus de Campina Grande e da rede particular de ensino da mesma cidade. E-mail: hezromvieira@gmail.com.

demonstrando como os mesmos dialogavam com o sistema e buscavam formas de resistência e negociação constantes¹. Conforme ressalta Machado (1988, p. 160)

A historiografia da escravidão esforça-se hoje para superar as visões pessimistas a respeito do escravo e do liberto, mergulhando nas fontes documentais que permitem reconstruir a realidade da escravidão, não necessariamente sob um ponto de vista heroico, mas realista.

Estudos contemporâneos ressaltam um leque de possibilidades, materializados nas mais variadas estratégias utilizadas pelos cativos para reconstruir suas vidas. O cotidiano dos indivíduos, embora perpassado por labutas diárias, era de certa forma amenizado por negociações constantes entre senhor e escravizado, observando-se assim uma modificação paradigmática na forma como os negros são percebidos, entendidos a partir de então como sujeitos históricos atuantes. Nessa conjuntura, uma nova perspectiva foi lançada no que diz respeito às relações presentes nas sociedades escravistas, pois os escravizados não são mais considerados *heróis* ou *vítimas* no sentido estrito, mas pessoas de carne e osso que, por estarem inseridos em determinados meios, utilizavam-se de diversos artifícios para conseguir sobreviver.

Apresentando um balanço das últimas produções historiográficas, Rocha (2009, p. 25-26) afirma que

[...] variadas e complexas experiências históricas da escravidão têm sido recuperadas pela historiografia. Em tais estudos, há esforços em destacar as vivências, os significados, as estratégias e a lógica das ações de mulheres e homens escravizados no cotidiano, como também se destacam as diversas formas de resistência escrava, que vão além do conflito direto contra o sistema.

Ainda sob a mesma ótica de análise, a autora apresenta as novas características oriundas dessa produção historiográfica, “tais como vida familiar, religiosidade, abolição, escravidão urbana, papel social das mulheres e dos libertos, alforrias, identidade étnico-racial, entre outros” (ROCHA, 2009, p. 26). Interessante destacar também que essa produção trouxe à tona novas categorias sociais que outrora eram invisibilizadas pela historiografia, evidenciando assim a imensa teia de relações que foi estabelecida entre a população negra em geral e as demais camadas populacionais durante este período.

Partindo da premissa de que a história dos negros, enquanto escravizados, não começava no momento exato do embarque nos tumbeiros, essa nova historiografia social da escravidão busca relacionar os estudos feitos no Mundo Atlântico – América e costa oeste da África –, com aqueles do “Novo Mundo”, tentando compreender o

desenvolvimento das relações recriadas por parte dos cativos quando chegaram ao “Novo Mundo”.

A partir do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, a historiografia brasileira da escravidão sofria sua primeira transformação significativa: a análise estava pautada agora no caráter violento da escravidão. Porém, essa mudança paradigmática transformou os escravos em “coisas”, conforme afirma Gomes (2006, p. 10, grifos do autor)

Parte dessa revisão historiográfica focalizou o que denomina *rebeldia escrava*, explicando-a basicamente como reações ao caráter violento das relações sociais sobre o escravismo. Essa nova corrente historiográfica em parte acabou por cair no extremo oposto das reflexões fundadas em Freyre e outros. Os escravos são descritos por seus atos de bravura e heroísmo, apresentando-se, assim, uma visão romântica do protesto escravo. O binômio senhor cruel/escravo rebelde substituiu o binômio senhor camarada/escravo submisso.

Nessa perspectiva, os quilombos, considerados por Moura (1981) como a unidade básica de resistência à escravidão, ganham destaque nesse momento, pois são compreendidos como uma forma de resistência coletiva e de negação ao sistema escravista. Moura (1981), em *Rebeliões da Senzala* (publicada originalmente em 1959) é quem melhor exemplifica essa análise. Fazendo a junção de uma ótica marxista com a sociologia, o autor deixa evidente sua inquietação sobre a situação dos escravizados frente à sociedade na qual estavam inseridos.

Fruto de uma produção historiográfica orientada pelo marxismo, a obra desse historiador/sociólogo paulista é perpassada por termos e categorias de análises como consciência, ideologia e alienação. Conforme pode ser percebido em sua interpretação (MOURA, 1981, p. 16, grifos meus):

É verdade que o escravo, ao se rebelar contra a ordem que o subjuga, não possui elementos cognitivos capazes de fazê-lo um homem *autoconsciente*. Sua posição de membro de uma *classe* colocada como entrave ao desenvolvimento das *forças produtivas*, incapaz de dominar técnicas mais avançadas do que as rudimentares do seu labor rotineiro, jungido a um regime de trabalho que o insulava do processo dinâmico de modificações e aperfeiçoamentos técnicos, não podia ter *elementos ideológicos* capazes de transformá-lo na classe que, *através de suas lutas*, conseguiria o poder do Estado. A *alienação* que o envolvia deixava-o como o peru no círculo do carvão.

O escravo rebelde, aquele que se opõe diretamente à interpretação idealizada e romântica de Gilberto Freyre, ocupa um lugar de destaque nos estudos de Clóvis Moura. Segundo o próprio autor, suas análises tinham como intuito “[...] estudar a participação

do escravo como força dinâmica, como contribuinte ativo no processo histórico” (MOURA, 1981, p. 35), vendo no escravo a negação do sistema.

Apesar de existir nas obras de Moura (1981) uma dicotomia entre escravo ativo e escravo passivo, na qual o primeiro era o sujeito que se rebelava, e o último aquele que aceitava a sua condição de submisso (mesmo que imposta), concorda-se que é um marco na historiografia brasileira, sobretudo naquelas que têm como objeto os quilombos brasileiros.

A recente historiografia sobre a escravidão tem analisado de que maneira os escravizados se posicionavam diante das organizações sociais, como eles conviviam com as diversas práticas econômicas, quais as estratégias de enfrentamento que eles utilizavam para sobreviver, enfim, a forma com que milhares de pessoas viveram, servindo, assim, para compreender a complexa sociabilidade que estes exerciam com a sociedade escravista que os cercava, mesmo quando ocupavam a base da hierarquia social.

Para além dessa produção historiográfica oficial, podemos perceber esse contexto também nas Histórias em Quadrinhos², as quais são produtos culturais que estão inseridos em determinadas sociedades, e, assim como qualquer outra produção cultural, refletem as contradições das mesmas. Objetivando analisar as HQs, proposta principal do presente trabalho, partimos do conceito de Cultura Histórica, que se mostrou de extrema relevância para a compreensão e análise das mesmas e que de acordo com Rüsen (2001, p. 120)

[...] abarca o campo em que os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática, portanto, a cultura histórica está para além do conhecimento adquirido pela ciência da História na aplicação prática do saber histórico.

Para o historiador alemão, a História mantém uma relação íntima com a educação, a política e a arte. No campo da cultura histórica, as dimensões cognitiva, política e estética se entrecruzam mutuamente, e agem na formação da consciência histórica dos sujeitos. Na mesma perspectiva, Flores (2007, p. 95) entende “por cultura história os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico”, e complementa

Trata-se da intersecção entre a história científica, habilitada no mundo dos profissionais como historiografia, dado que se trata de um saber profissionalmente adquirido, e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, ativistas, editores, cineastas, documentaristas, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso através de suportes impressos, audiovisuais e orais.

Sendo assim, observa-se que as Histórias em Quadrinhos podem ser utilizadas como instrumentos políticos e ideológicos, que veiculam e transmitem visões de mundo, reforçando ou até mesmo desconstruindo discursos e identidades³ em determinadas sociedades. Para ilustrar esse argumento, com base no fato de que as HQs são utilizadas enquanto instrumentos políticos e ideológicos, o presente trabalho tem como objetivo analisar as repercussões dos debates e embates da historiografia, propostos sob a égide da História Social da Escravidão, nas Histórias em Quadrinhos nacionais⁵, especificamente a obra *O Quilombo Orum Aiê*, de autoria de André Diniz.

O Quilombo Orum Aiê

O Quilombo Orum Aiê (2010), de autoria de André Diniz, não tem a intenção de retratar, no sentido de *reconstruir exatamente*, um episódio *fiel* da história brasileira, entretanto a mesma se encaixa no perfil da verossimilhança, pois a narrativa presente nesta História em Quadrinhos tem como pano de fundo um acontecimento histórico verídico, a Revolta dos Malês. A partir dele (re)constrói a narrativa de escravizados, expandido sua narrativa para além do pano de fundo, evidenciando como os escravizados, cada um com suas individualidades e vivências, perceberam esse fenômeno e se apropriaram do ocorrido, oferecendo uma nova leitura para sua compreensão de mundo. Dessa forma, a escolha dessa obra se justifica em função dela refletir as visões e tensões propostas pela Nova História Social da Escravidão, que vem sendo discutida no Brasil após 1980 (MACHADO, 1988; LARA, 1998).

Apesar do centro da trama, proposto pela obra, relacionar-se à fuga para um Quilombo, sabe-se que a estruturação desses espaços de resistência no Brasil foi uma das formas de agenciamento dos negros contra um sistema opressivo, o que nos distancia da dicotomia *resistência ativa X resistência passiva* proposta por Moura (1981). A sociedade brasileira, enquanto perdurou o sistema escravista, era bastante diversificada, possibilitando às pessoas que ali estavam inseridas, independente do segmento social na qual estavam imersas, vivenciarem formas distintas de convivência e relações pessoais.

No caso dos escravizados, apesar da opressão do sistema racista e escravista, isso não impediu que ele fosse burlado. Vários escravos, utilizando as mais variadas estratégias e astúcias, souberam adaptar a sua realidade para barganhar melhorias na sua condição de vida. Sob essa mesma ótica de análise, Gomes (2005, p. 32) explica

É claro que nem sempre o ato de fugir, a revolta aberta e a organização de quilombos foram as únicas e inexoráveis formas do protesto negro. Havia outras possibilidades de enfrentamento, incluindo conflitos e agenciamentos. As estratégias de resistência eram paulatinamente ampliadas e reinventadas. Em algumas ocasiões, as ações de enfrentamento significavam, por exemplo, obter maior controle sobre o tempo e o ritmo das tarefas diárias de trabalho, residir próximo aos seus familiares, visitar nos domingos de folgas suas esposas, filhos e companheiros em outras fazendas, ou mesmo cultivar suas roças e ter autonomia para vender seus produtos nas feiras locais.

Nesse sentido, de múltiplas possibilidades de vivências escravistas na sociedade brasileira, é que a obra tece a sua trama. Sendo assim, percebe-se que os reflexos da historiografia, com base na história social da escravidão, são sentidos na presente História em Quadrinhos, confirmando a proposta de Cultura Histórica (RÜSEN, 2001; FLORES, 2007), e como ela é um importante instrumento para a transmissão do conhecimento fora dos muros da academia.

Antes de analisá-la, faz-se necessário evidenciar que o autor é inspirado pela estética africana, fato que pode ser percebido nos traços do desenho e no seu empenho em pesquisar sobre a história e a cultura do povo negro. Sobre o processo criativo, que envolve desde a pesquisa até a elaboração do trabalho final, incluindo texto, diagramação e arte, o autor deixa claro sua preocupação em não reforçar um discurso negativo e estigmatizado sobre a população negra, conforme entrevista cedida à *Revista África e Africanidades* pelo autor e apresentado por Silva e Santos (2010, p. 3)

A pesquisa foi grande e me tomou até mais tempo do que escrever e desenhar a história toda (o que não é pouca coisa). Mas eu quis mostrar ao leitor que esse tema é muito mais rico e complexo do que é mostrado em filmes e novelas, onde tudo é simplificado de uma forma empobrecedora. É essa mesma simplificação que empobrece também a visão que se tem da África, vista como uma só nação e uma só cultura, e não como um continente rico em povos, línguas e culturas diferentes. Outra motivação minha foi mostrar que é lenda aquela visão do escravo passivo e submisso.

A narrativa ficcional dessa História em Quadrinhos se passa na província da Bahia Oitocentista⁶, no ano de 1835, ou seja, na mesma época em que ocorreu a Revolta dos Malês, o maior levante escravo urbano das Américas (REIS, 2003); como consta na própria obra “é coisa de escravo malê. Querem transformar a Bahia em África” (DINIZ, 2010, p. 19). A HQ tem como cenário a cidade de Salvador e como elo as experiências, e expectativas de uma nova vida, que se desenrolam ao longo da história de vida de cinco

indivíduos, quatro escravos negros – *Vinícius, o Capivara, Sinhazinha, Abu, o escravo malê e Fagundo*, e um branco pobre, de nome *Antero* –, que, aproveitando o caos na cidade, gerado após o levante dos Malês, fugiram “para um quilombo maravilhoso” (DINIZ, 2010, p. 30), onde “todos os habitantes são livres e não precisam obedecer a sinhozinho nem sinhazinha” (DINIZ, 2010, p. 30). O Quilombo maravilhoso que é descrito trata-se do Quilombo “Orum Aiê”, um quilombo que a mãe de *Vinícius* contava “todas as noites, desde que eu era um bebê, até o último dia em que a vi, descrevendo cada detalhe do caminho que leva até ele”. (DINIZ, 2010, p. 30).

Ao longo da obra, os personagens, que tem condições sociais e raciais distintas se envolvem em conflitos afetivos e psicológicos, em que são expostas as contradições entremembro, pois cada um está em posições sociais distintas e em alguns casos antagônicas, como, por exemplo, o garoto *Vinícius*, personagem principal da obra que é um crioulo “que nasceu no Brasil” (DINIZ, 2010, p. 11) e o escravo de ganho *Fagundo*, que mora no Brasil “há trinta anos” (DINIZ, 2010, p. 11). Todavia, não são bem vistos pelo escravo iorubá de propriedade do mesmo senhor, o *sinhozinho Salustiano*. Essa teia de relações, em que são explícitas diversas formas de convivência, diga-se de passagem, nada adocicadas, se distanciam da ideia freyriana de harmonia entre as três raças que compuseram o Brasil.

Conforme fora mencionado, a obra se passa na cidade de Salvador e, logo na primeira página, deixa explícita a importância que a população negra e cativa, exercia na economia daquela cidade e em várias outras cidades que utilizaram a mão de obra negra e escrava no chamado Mundo Atlântico. Essa considerável concentração de população negra nos mais variados núcleos urbanos fez com que esses espaços fossem referidos como *Cidades Negras*, como menciona Araújo (2006, p. 9)

Por que cidades negras? Em várias sociedades escravistas e mesmo naquelas onde havia escravos africanos – mas não necessariamente estruturas escravistas –, surgiram espaços sociais com considerável concentração de população afro-descendente, entre livres, libertos e escravos [...].

Além das características físicas, as Cidades Negras se diferenciam das grandes plantações de cana-de-açúcar e cafezais por proporcionarem aos seus habitantes e transeuntes, como os escravos de ganho, uma maior facilidade de circulação e contato com os mais variados segmentos sociais, desde seus iguais, os outros escravizados, até aqueles que ocupavam o topo da hierarquia social.

Imagem 1: Salvador Oitocentista uma Cidade Negra



Fonte: O Quilombo Orum Aiê (DINIZ, 2010, p. 5)

Na obra, percebem-se diversas profissões exercidas pelos escravizados, desde carregadores até quitandeiras. Esse contato com diversas pessoas e profissões servia para amenizar a situação excludente e violenta que a sociedade escravista brasileira proporcionava. Analisando a importância das Cidades Negras e as relações que eram estabelecidas nesses núcleos urbanos, Araújo (2006, p. 98, grifos meus) afirma que

Os africanos constantemente recriavam identidades no intuito de tecer redes políticas de solidariedade que dessem conforto mútuo em uma sociedade violentamente excludente. A rapidez com que essas identidades se renovavam no ambiente urbano é que realmente impressiona.

A influência das diferentes formas de ser negro em uma sociedade escravista, como foi o caso do Brasil, e das múltiplas facetas e possibilidades de ofícios que são abordadas na obra serão expostas a seguir. A análise se fará mediante as identidades negras urbanas, ou seja, o perfil “profissional” dos escravizados enquanto sujeitos inseridos em um ambiente onde possuíam uma liberdade maior do que seus companheiros de eito, permitindo-lhes maior circulação pelas ruas da cidade e absorvendo as diferentes ideias que eram transmitidas pelas ruas da mesma, além de ampliar significativamente a rede de relações existentes entre os cativos, que passariam a ter um contato com pessoas livres dos mais variados perfis sociais.

Essa facilidade de locomoção e o contato com pessoas livres poderia beneficiar os escravizados de diversas maneiras, porém destaca-se o fato da compra de alforrias e da prática de apadrinhamento, práticas que serviam como válvula de escape para uma sociedade controversa e desigual, como era o caso do Brasil oitocentista, o qual contava com cidadãos e escravos em um país recém-independente (MATTOS, 2004).

Identities Negras Urbanas

Ainda na primeira página da obra, o autor busca traçar um perfil da situação dos escravizados na Bahia oitocentista, explicitando a importância que os escravos de ganho exerciam na economia provincial, bem como na manutenção da posição social dos seus senhores. Expondo algumas profissões que eram comuns aos escravizados brasileiros, como barbeiro, cabeleireiro, sangrador, carregador e quitandeira, Diniz (2010) apresenta um gama de identidades urbanas que os negros poderiam adquirir.

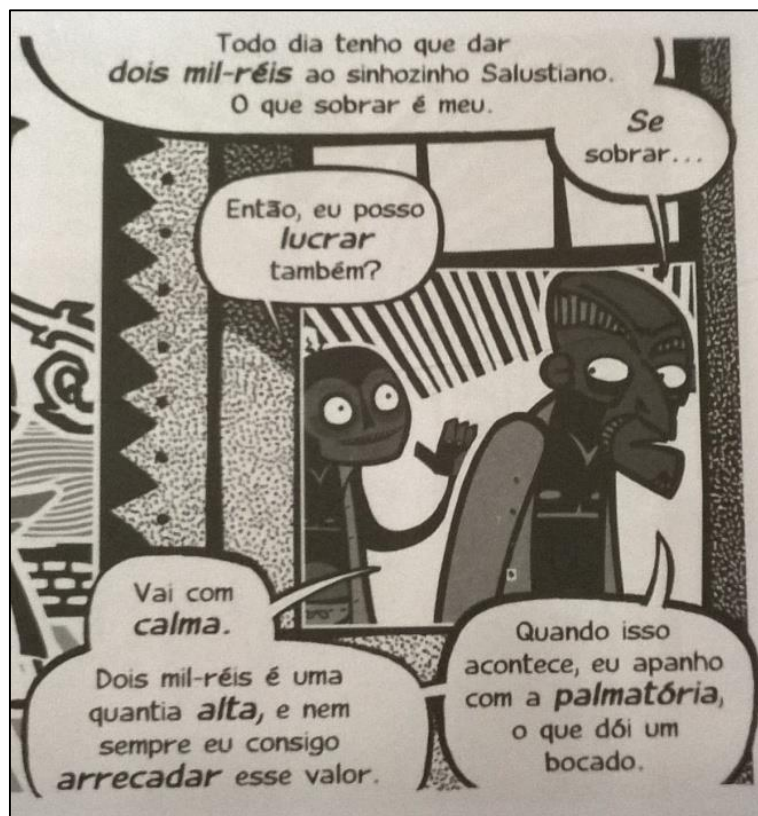
Nesse contexto, *Fagundo*, um escravo idoso afirma que “a profissão de barbeiro é mais comum aos negros e mulatos libertos” (DINIZ, 2010, p. 5). Porém, essa identidade urbana de barbeiro não se limita aos livres ou alforriados, pois o mesmo exerce a profissão “cortando cabelos há onze anos” (DINIZ, 2010, p. 5), o que demonstra certa mobilidade social, e até mesmo, profissional, onde os escravizados do meio urbano tinham a possibilidade de exercer diferentes ofícios, mediante suas habilidades naturais ou, inclusive, para atender as necessidades financeiras dos seus senhores.

Na conversa que inicia a obra, *Vinícius* e *Fagundo* evidenciam as consequências decorrentes da vida de trabalho na cidade, ou seja, para compensar certa liberdade que os escravizados de ganho gozavam, os senhores estabeleciam algumas condições que deveriam ser atendidas diariamente. Com essa definição, o autor demonstra que cada escravizado era obrigado a pagar uma quantia para o seu senhor. No caso de *Fagundo*, ele era obrigado a pagar diariamente a quantia de “dois mil-réis ao sinhozino Salustiano” (DINIZ, 2010, p. 7) e o que sobrava ele poderia ficar, para em um futuro próximo, quem sabe, comprar a sua tão esperada carta de alforria.

Lembrando que este escravizado já se encontrava em uma idade avançada, o que pode ser percebido pelos seus cabelos brancos, essa não era uma situação tão simples; fica implícito que devido à idade avançada de *Fagundo* sua habilidade no ofício já não é a mesma de outrora, o que torna a prática mais lenta, diminuindo o ritmo de trabalho e

consequentemente a quantia arrecadada, e que invariavelmente nem sempre sobrava algum trocado para este escravizado. Conforme pode ser percebido abaixo

Imagem 2: Escravos de ganho e o medo do castigo



Fonte: O Quilombo Orum Aiê (DINIZ, 2010, p.5)

Essa passagem evidencia o constante terror que *Fagundo*, bem como os demais escravos de ganho, vivenciavam ao longo de sua vida, pois, de acordo com o que foi explicado, apesar de estarem em uma situação teoricamente menos rígida do que a senzala, uma vez que o trabalho era relativamente menos pesado do que a roça, os mesmos eram constantemente lembrados da obrigação de arrecadar determinada quantia para o seu senhor. Caso essa quantia diária não fosse alcançada, independente dos motivos pelo qual o fim não foi obtido, *Fagundo* e os demais escravizados que se encontravam na mesma situação sentiriam a ira do seu senhor.

Essa passagem é emblemática porque demonstra a crueldade do sistema escravista brasileiro, elemento que vai de encontro às premissas presentes no pensamento freyreano, de um suposto caráter bondoso ou menos rígido, se for comparado à escravidão desenvolvida na parte norte do continente americano, dos senhores de escravos brasileiros.

De acordo com o desenrolar da narrativa o *sinhozinho Salustiano* aparenta ser uma pessoa de posses, pois o mesmo era o senhor de, pelo menos, três escravizados apresentados na história, o já citado *Fagundo* e outro escravizado chamado de *Nazário*, este último apresentado como um “escravo velho e cego” (DINIZ, 2010, p. 9) que apesar de sua condição física, torna-se útil ao seu senhor, quando este utiliza aquele para pedir esmolas, ampliando assim as formas de obter lucro mediante o trabalho dos seus escravos.

Imagem 3: Os interesses senhoriais



Fonte: O Quilombo Orum Aiê (DINIZ, 2010, p.9)

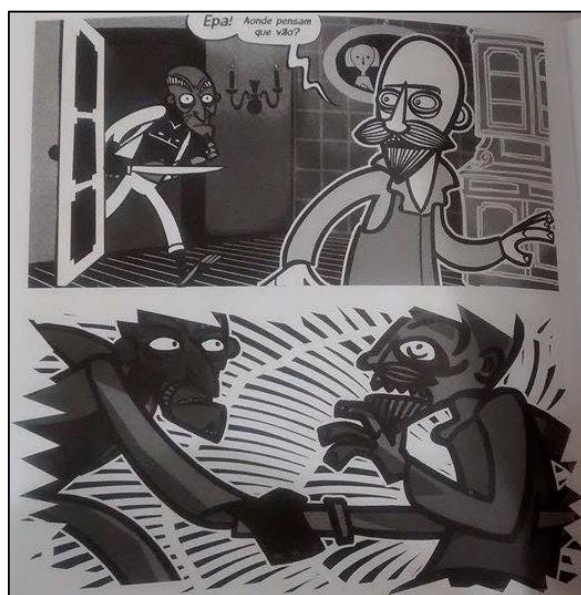
Apesar de a obra mencionar a crueldade e a violência nas relações escravistas/raciais, materializadas na forma de extermínio do “peso morto”, uma vez que outros senhores matariam um escravo velho e cego para não ter que sustentá-lo, qualquer tentativa de demonstrar um possível caráter de bondade patriarcal ou “pena” do senhor com o escravo velho e cego cai por terra quando é explicitada a real intenção do senhor. O próprio *Nazário* afirma esse fato ao falar que “todo o dinheiro vai mesmo para o sinhozinho...” (DINIZ, 2010, p. 9).

Outra proposta de análise da Historiografia Social da Escravidão diz respeito ao fato de que os escravizados se utilizavam constantemente das brechas do sistema. Tendo o caráter passivo, proposto por Gilberto Freyre (2004), como *tese*, e a ideia de escravo ativo, defendida por Clóvis Moura (1981), como *antítese*, a Nova Historiografia propõe uma *síntese* das ideias. Portanto, partindo do pressuposto de que os escravizados não eram totalmente passivos, servindo diretamente ao seu senhor, como também não se

revoltavam sempre, dependendo do contexto em que ele estava inserido, ou quais melhorias eles deveriam negociar com seus senhores.

Em *O Quilombo Orum Aiê*, os escravizados são apresentados enquanto sujeitos ativos de sua própria história, tanto em relação a negociação por melhorias, como na parte dos conflitos, enquanto se aproveitam do caos gerado na cidade de Salvador após eclodir a revolta, *Fagundo* enxerga a brecha do sistema e aproveita para se vingar de todos os infortúnios que seu senhor, o *sinhozinho Salustiano*, o fez passar.

Imagem 4: A vingança contra o senhor



Fonte: *O Quilombo Orum Aiê* (DINIZ, 2010, p.26)

Na obra “*O Quilombo Orum Aiê*”, Diniz (2010) reafirma o caráter exploratório do sistema, demonstrando como os senhores lucravam de diversas maneiras com o trabalho de suas peças⁶. Mediante o que foi exposto, essas passagens deixam claro na obra analisada uma visão antagônica ao caráter patriarcal do senhor de escravos, e principalmente, o autor relativiza a percepção que os escravizados faziam do senhor enquanto uma figura paterna, um bom senhor, visão amplamente difundida e defendida por Gilberto Freyre (2004), corrente historiográfica essa que entendia a escravidão brasileira como mais doce e gentil que a escravidão praticada pelos escravocratas da América do Norte.

O Medo Negro

Outro fator que merece destaque diz respeito ao *medo negro* que assombrava a América, sobretudo após o sucesso da Revolução Haitiana. Segundo Reis (1996, p. 27, grifos do autor) “O *haitianismo* animou os negros e mulatos nos quatro cantos do continente americano, inclusive no Brasil”. Paradoxalmente à animação de negros e mulatos, o medo negro do haitianismo assustou os senhores de escravos e as elites brasileiras de uma forma geral, que “imaginavam que uma grande rebelião escrava – ao estilo do Haiti, que bem conheciam – pudesse ter início em um quilombo” (REIS, 1996, p. 21).

Imagem 5: O medo das elites e as rebeliões escravas



Fonte: O Quilombo Orum Aiê (DINIZ, 2010, p.19)

Da mesma forma que foi demonstrado o medo das elites, o autor evidencia o papel que os escravizados exerciam na sociedade, sobretudo quando eclodiu a Rebelião dos Malês. Essa parte, especificamente, serve para reforçar a ideia já defendida por Reis (1996) de que os escravizados não estavam alheios aos acontecimentos extra provinciais ou, até mesmo, em nível internacional. Especialmente o caso dos africanos que estavam localizados na Salvador Oitocentista.

Quando *Fagundo* afirma: “Foram *várias* nos últimos anos, mas nenhuma tão *grandiosa*. Quanto mais aqui, bem no *centro* de Salvador...” (DINIZ, 2010, p. 23, grifos do autor), ele demonstra que existia uma circularidade de ideias e notícias, que era

transmitida desde importantes centros políticos e administrativos, como a Corte, até pontos considerados periféricos, como as demais províncias brasileiras. Da mesma forma, reforça a ideia de quando o mesmo escravizado, após ter obtido êxito na fuga explica seus planos para o futuro: “Irei para a *capital*. No Rio de Janeiro, oculto no meio de milhões de pessoas, passarei por *liberto*. Hei de arranjar trabalho e refazer a minha vida” (DINIZ, 2010, p. 29, grifos do autor).

Interessante ressaltar que Diniz (2010, p.13; p.16; p.17; p.20; pp.22-23) fez questão de demonstrar os diferentes perfis de negros escravizados que foram trazidos para o Brasil, desconstruindo outro mito que também é amplamente difundido pelo senso comum, o de que os africanos são todos iguais. O autor buscou retratar esse aspecto cultural da língua dos escravizados, quando os mesmos se comunicavam entre si, geralmente para planejar a revolta. Sendo coerente em utilizar a grafia correta para os termos e ampliando o leque de identidades dos africanos que se situavam no país.

Mulher, Negra e Escrava

Salienta Rocha (2009 e 2010) que a mulher negra era triplamente discriminada na sociedade brasileira, primeiro pelo seu gênero, segundo pela cor de pele e por fim, devido a sua condição social, ou seja, escrava. Nesse sentido, as mulheres negras deveriam utilizar as mais variadas formas de estratégias para conseguir sobreviver a um ambiente tão hostil na qual estavam inseridas.

Nesse sentido, Diniz insere em sua trama a personagem *Sinhana*, uma “escrava de um escravo” (DINIZ, 2010, p.35), que trabalha como quitandeira e sofre agressões constantes do seu senhor, principalmente quando não atinge a meta diária estabelecida pelo mesmo. Perfil bastante parecido com o de Gertrudes Maria, “uma alforriada/liberta sob condição, que desempenhava o ofício de pequena comerciante, denominada por seus contemporâneos de “negra do tabuleiro” ou quitandeira” (ROCHA, 2010, p. 86).

Imagem 6: Mulher, Negra e Escrava



Fonte: O Quilombo Orum Aiê (DINIZ, 2010, p.14)

De acordo com a autora, Gertrudes ganha notoriedade por recorrer à Justiça contra o seu senhor na década de 1820, quando este põe em risco sua liberdade parcial, colocando-a à venda em praça pública. A escravizada, no decorrer de sua vida de quitandeira possuía uma certa liberdade para trafegar pelas ruas, ampliando assim a sua rede de sociabilidades, vendendo seus produtos para a mais variada gama de sujeitos e condições sociais. Segundo Rocha (2010, p.87),

A função realizada por Gertrudes exigia que ela circulasse constantemente por inúmeras ruas urbanas. Esse movimento abria possibilidades para a formação de redes sociais, com pessoas livres ou escravizadas, pobres ou ricas.

E conclui que “Gertrudes retratava, assim, outras mulheres negras do Oitocentos – libertas ou escravas” (ROCHA, 2010, p. 87), fato que também se estende à *Sinhana*, tendo em vista que ambas estão em posições sociais idênticas. Analisando o perfil da personagem, percebe-se também que ela está bem próxima da já mencionada Domingas de Freitas (APOLINÁRIO, 2007). Pois, apesar de estarem situadas na base da sociedade escravista, elas sabiam que, aproveitando a oportunidade correta, ambas poderiam modificar sua vida, invertendo sua posição social, quer dizer deixando a base e ocupando o topo da hierarquia social.

Quando *Vinícius*, *o Capivara* e *Sinhana* conseguem escapar da cidade, em direção ao *Quilombo Orum Aiê*, a escrava fugida explica para o garoto quais são suas ambições.

Levando em consideração que não era impossível que alforriados também fossem donos de escravos, além de abolicionistas também os possuírem, fica evidente que esse também era o desejo de várias pessoas que se encontravam nessa condição. Conforme *Sinhana* menciona

Imagem 7: Ascensão Social



Fonte: O Quilombo Orum Aiê (DINIZ, 2010, p.66)

Apesar de Vinícius discordar da ideia de possuir escravos, pois segundo ele “na condição em que estamos devemos sonhar com o *fim da escravidão*, e não com a posse de outros escravos” (DINIZ, 2010, p. 68, grifos do autor), isso não quer dizer que existia um pensamento homogêneo por parte dos escravizados e dos homens livres frente à escravidão.

Além disto, é interessante destacar que em momento algum *Sinhana* menciona a cor de pele do “homem bonito e rico” com quem deseja se casar, porém, isso fica implícito, quando ela afirma o desejo de ter “muitos escravos para cuidarem de mim”.

As exposições dos desejos afetivos de *Sinhana* podem passar despercebidas, pois ela era fruto do seu tempo e nada mais natural do que desejar melhorar de vida. Porém, ao afirmar que a escrava tinha liberdade, pelo menos de pensamento, de desejar escolher um marido que a agradasse, desconstrói uma visão que fora reproduzida pela historiografia.

Segundo um pensamento difundido no período oitocentista pela literatura e posteriormente adaptado em Freyre (2004), a mulher negra era percebida como devassa, aquela que corrompia os valores da casa-grande e arrastava a sinhazinha para perdição⁸. Essa visão sobre a mulher negra cativa que fora defendida pela literatura afirmava que era impossível, devido ao seu caráter devasso, bem como ao ambiente hostil das senzalas, a constituição de famílias, baseada no modelo patriarcal da Casa-Grande. Fato esse que foi analisado e desmistificado por Slenes (2011), quando ele se propõe a encontrar as *flores*⁹ das senzalas, ou seja, evidenciar famílias negras nos mais variados ambientes escravistas, como a senzala. E a outra, que pode ser percebida em Gilberto Freyre, o qual afirma que as escravas – negras e mulatas, serviam apenas para o deleite sexual do seu senhor branco.

Por muito tempo a historiografia se negou em aceitar que, contrariando os ambientes hostis das senzalas e as implicações daí decorrentes, como vendas constantes e posterior separação entre familiares, os escravizados constituíram famílias. Traçando um perfil da população escravizada que estava unida pelo matrimônio, Slenes (2011, p. 83) explica que, devido à ausência de fontes oficiais na historiografia, a análise não incluiu uniões consensuais. Essas formas de uniões, que não estavam diretamente ligadas ao sacramento da Igreja Católica, também são percebidas em *O Quilombo Orum Aiê*.

Quando *Sinhana* encontra *Abu*, o escravo malê, eles se entreolham e começam, ao longo da narrativa, a desenvolver uma afetividade que não necessariamente precisava ser unida por uma forma de matrimônio, tendo em vista que ambos estavam em uma situação de risco, fugindo para um quilombo, e a qualquer momento poderiam ser pegos, castigados e separados. Porém, o fato da obra não evidenciar uma união sacramental, com base no ritual católico, não inutiliza essas formas de união entre os escravizados, o que foi discutido por Slenes (2011).

A religiosidade dos escravizados

Ao longo da obra, Diniz (2010) apresenta diferentes formas de fé que eram compartilhadas na sociedade brasileira Oitocentista. Entre os quatro personagens que buscam o caminho para o Quilombo Orum Aiê – *Capivara*, *Sinhana*, *Abu* e *Antero*, o autor compara diversas percepções do mundo baseadas em preceitos religiosos, como a religião católica, praticada pelo branco *Antero*, os preceitos islâmicos, do malê *Abu*, a

religião de matriz africana, da *Sinhana* e até mesmo, um pensamento sem definição religiosa, do protagonista *Capivara*.

Essa gama religiosa serve para mostrar que, mais uma vez, os escravizados utilizavam-se das brechas do sistema para praticarem as suas religiões, desde a inserção de orixás nos cultos católicos, materializados nas formas de irmandades religiosas ou, até mesmo, de forma explícita, como os ritos de base islâmica, praticados, sobretudo pelos negros malês, conforme pode ser percebido nas páginas 36, 88 e 89 (DINIZ, 2010).

Da mesma forma que não se pode afirmar que a religião católica praticada no Brasil era um catolicismo puramente europeu⁹, devido o sincretismo e as diversas formas de apropriação dos fiéis, na obra fica evidente que o islamismo malê na Bahia também recebeu influências dos mais variados cultos praticados em solo africano.

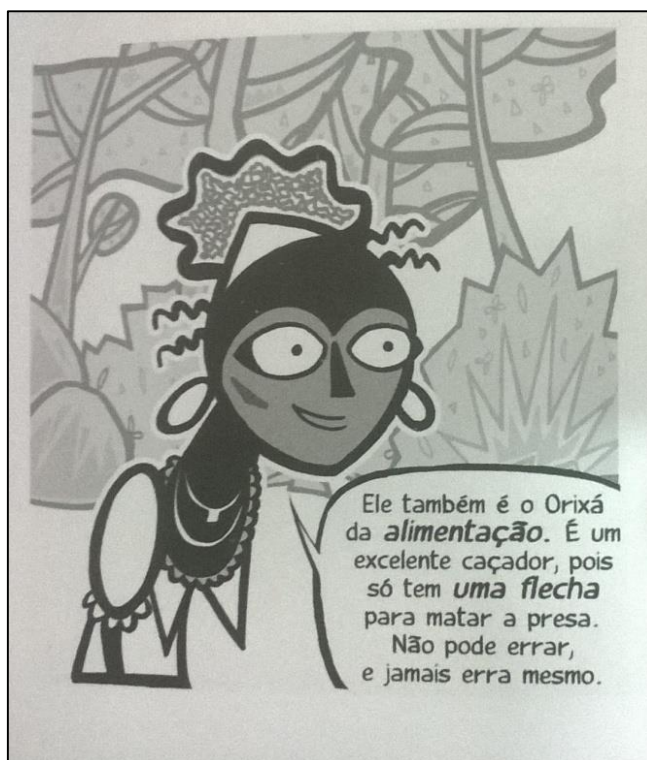
Tal questão é apontada por Araújo (2006, p.149, grifos do autor)

Não deve nos causar estranheza o fato de africanos islamizados e seus descendentes recorrerem a um repertório de práticas mágicas, por vezes chamadas de *feitiçarias*. [...] Alguns buscavam, na medida do possível, seguir as normas de conduta exigidas pelo Alcorão, realizar rituais islâmicos e, ao mesmo tempo, lançar mão de “feitiços”, fazer suas preces mágicas ou participar de festas e cerimônias religiosas nos terreiros de candomblé.

Os efeitos morais da religião e as consequências de suas atitudes são vivenciadas pelo branco *Antero*, que é acusado de “queimar, por vingança, trinta escravos ainda vivos!” (DINIZ, 2010, p. 50). Ao ser confrontado por seus companheiros de empreitada, *Antero* nega a acusação e diz que o verdadeiro culpado é o *Barão de Alcobaça*, que tramou tudo para levar *Antero* à falência, porque ele tinha envolvimento com *Cordélia*, a sua filha. (DINIZ, 2010, p.53). O branco, outrora acusado, recupera a confiança dos envolvidos por afirmar que vai descobrir o verdadeiro culpado e buscar vingança “por mais que a Bíblia diga que esse não é o caminho!...” (DINIZ, 2010, p.54).

Outra religião que é abordada na obra é a religião dos Orixás, quando *Sinhana* demonstra sua fé, enfatizando o fato de que Oxóssi é um “deus caçador, senhor da floresta e dos seres que nela vivem” (DINIZ, 2010, p. 76) e complementa

Imagem 8: Religiosidade



Fonte: O Quilombo Orum Aiê (DINIZ, 2010, p.76)

Sobre a importância que a religião exercia no cotidiano das pessoas, Araújo (2006, p.146, grifos do autor) afirma que

Numa sociedade escravista, homens e mulheres negros – escravos ou libertos – vivendo em um mundo incerto e hostil e cercados em sua liberdade valiam-se de todo o *arsenal espiritual* à sua disposição para resolver seus problemas e ajudar aqueles que a eles recorriam.

Confirmando essa tese, *Sinhana* conclui “Não sei o que *seria de nós* sem a ajuda que Oxóssi tem nos dado. Acho que já teríamos *morrido de fome* ou sido *devorados* por alguma onça faminta” (DINIZ, 2010, p. 76, grifos do autor). Ou seja, demonstrando que a fé, apesar das perseguições por parte do Estado, era essencial para a sobrevivência física e cultural dos escravizados.

Considerações finais

As Histórias em Quadrinhos são meios de comunicação amplamente difundidos em nível nacional. Dessa forma as mesmas são meios de propagação de ideias e visões de mundo que se relacionam com a sociedade que as cerca, sendo fontes ricas para o estudo das sociedades, uma vez que refletem visões de mundo e representações de diversas sociedades, o que nesse caso, são fontes também para os historiadores.

Como todo e qualquer produto cultural, seus autores estão inseridos em sociedades que apresentam contradições e embates, os quais são reproduzidos em suas obras, e conforme foi percebido na HQs analisada, *O Quilombo Orum Aiê* de autoria de André Diniz, abordando especificamente o caso dos negros escravizados. Além disso, destaco que essa produção de HQs baseadas nas diversas experiências dos escravizados, além da dicotomia senhor/escravo, não se encerrou em *O Quilombo Orum Aiê*. Recentemente foi publicado *Cumbe* (D'SALETE, 2014), uma HQs que como o nome sugere, também tem como foco a análise da sociedade escravista brasileira, demonstrando a percepção e as labutas diárias que os escravizados passavam em uma sociedade que rotineiramente os oprimia.

Mediante o que foi exposto, nosso objetivo foi demonstrar como os escravizados não ficaram alheios à sua situação, pelo contrário, sempre buscaram, diariamente, formas de amenizar o seu sofrimento, seja lutando abertamente contra o sistema escravista, com a fuga e o assassinato de seus algozes, como também a busca incessante de formas de negociações com seus senhores, fato que, apesar de percebidas as desigualdades presentes na sociedade escravista oitocentista, permitia aos escravizados certa melhoria na sua condição de vida, sendo, com certeza, fruto da agência e vivência dos próprios escravizados e não parte de uma suposta bondade senhorial.

Dessa forma, o presente artigo teve como objetivo discutir as relações entre as HQs e a historiografia, demonstrando como tais obras repercutem uma cultura histórica, com base nas discussões de Rüsen (2001) e Flores (2007), onde os escravizados são reconhecidos enquanto sujeitos ativos de suas histórias, vivenciando a escravidão de formas distintas, demonstrando a complexidade das relações sociais que foram tecidas na sociedade escravista brasileira, ampliando as noções de senhor (branco) e escravizado (negro) que permearam por determinado tempo a historiografia brasileira sobre a temática.

Por fim, acreditamos que as HQs, produções culturais que estão à parte do cânone historiográfico e da historiografia, repercutem as opções teóricas e metodológicas da “Nova História Social da Escravidão”, iniciada no Brasil após a década de 1980. E aquelas específicas sobre a escravidão têm apresentado como os escravizados se tornam sujeitos de sua própria história, não mais apenas entendidos como uma massa passiva, mas ao contrário, sujeitos conscientes de sua situação e capazes de negociar modificações e transformações no seu cotidiano.

Referências:

- APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. *Escravidão negra no Tocantins Colonial: Vivências escravistas em Arraias (1739-1800)*. 2ª edição – Goiânia: Kelps, 2007.
- ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira de. [et al] *Cidades Negras: Africanos, Crioulos e Espaços Urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006.
- CHINEN, Nobuyoshi. *O papel do negro e o negro no papel*. 281 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2013.
- D'SALETE, Marcelo. *Cumbe*. São Paulo: Veneta, 2014.
- DINIZ, André. *O Quilombo Orum Aiê*. Rio de Janeiro: Galera Record, 2010.
- FLORES, Élio Chaves. Dos Feitos e dos Ditos: História e Cultura Histórica, *Saeculum – Revista de História*. João Pessoa, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, n. 16, Jan/Jun., 2007, p. 86-102.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 49 ed. São Paulo: Global, 2004.
- GOMES, Flávio dos Santos. *A Hidra e os Pântanos: Mocambos, Quilombos e Sociedades de Fugitivos no Brasil (séculos XVII-XIX)*, São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. *Histórias de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de Senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LARA, Silvia Hunold. *Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil*. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História*. V. 16 (1998) Jan./Jun. Cultura e Trabalho, 1998, p. 25-38.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *As Vítimas-Algozes: Quadros da Escravidão, 1988 [1ª ed. 1869]*.
- MACHADO, Maria Helena. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 16, p. 143-160, 1988.
- MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- MATTOSO, Katia M. de Queirós. A opulência na província da Bahia. ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.). *História da Vida Privada no Brasil 2: Império – a corte a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 143-179.
- MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições e Guerrilhas*. 3ª Edição. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.
- PESTANA, Maurício. *Revolta dos Búzios: uma história de igualdade no Brasil*. Salvador: Editora Olodum, 2007.
- _____. *Revolta dos Malês: a saga dos muçulmanos baianos*. Salvador: Editora Olodum, 2010.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: De Varnhagen a FHC*. 9. ed. ampl. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- _____. *Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. *Revista USP*, Dezembro/Feveireiro 95/96.n. 28. São Paulo, 1996 (pp.14-39).
- _____. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROCHA, Solange Pereira da. *Gente Negra na Paraíba Oitocentista: População, Família e Parentesco Espiritual*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____; FONSECA, Ivonildes da Silva (Orgs.) *População Negra na Paraíba: Educação, Histórica e Política*. Campina Grande: EDUFPG, 2010.

RÜSEN, Jörn. *A Razão Histórica: Teoria da História*. Brasília: Editora UNB, 2001.

SILVA, André Luiz dos Santos; SANTOS, Nágila Oliveira dos. Entrevista: André Diniz – Desenhista e Roteirista. *Revista África e Africanidades*. Salvador, ano 3, n. 11, novembro, 2010.

SLENES, Robert W. *Na Senzala, uma flor: Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX – 2.ª Ed. Corrig.* Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobuyoshi. *Os Pioneiros no Estudo de Quadrinhos no Brasil*. Criativo: 2013.

Notas:

-
- 1 Para um aprofundamento da temática, sugiro a leitura de Rocha (2009), Gomes (2006) e Slenes (2011).
 - 2 Partimos do pressuposto presente em Ramos (2012, p. 17), que entende as Histórias em Quadrinhos como um hipergênero, ou seja, possuidoras de “uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos”, tornando-as um instrumento que dialoga com diversas formas de linguagem, como a literatura, o cinema, o teatro, dentre outras.
 - 3 Em relação ao processo de (re)construção de identidades, ressalto como emblemáticas as HQs *Maus* (1986), de autoria de Art Spiegelman, onde o autor narra a história de vida do pai sobrevivente ao campo de concentração de *Auschwitz*, *Persépolis* (2000), de autoria de Marjane Satrapi, que narra sua história de vida antes da revolução religiosa no Irã.
 - 4 As Histórias em Quadrinhos, entendidas pelo Olodum como Cartilhas, são de autoria de Maurício Pestana e denominam-se *Revolta dos Búzios* (Pestana, 2007) e *Revolta dos Malês* (Pestana, 2010).
 - 5 Para uma compreensão da representação dos negros nas HQs, ver Chinen (2013).
 - 6 Sobre a situação da província da Bahia durante o período analisado, sugiro a leitura de Mattoso (1997, p. 143-179).
 - 7 Denominação para os escravizados, que dentre outras tentativas de retirar-lhes a sua humanidade eram percebidos como objetos, chegando ao ponto de serem inventariados junto da propriedade, mobília e gado.
 - 8 Na literatura evidenciamos os contos presentes em Macedo (1988), que narra a história de três escravizados, 1) *Simeão, o Crioulo*, 2) *Pai-Raiol o feitiçeiro* e 3) *Lucinda, a mucama*. O autor era um abolicionista que defendia o fim da escravidão porque a mesma corrompia as famílias tradicionais brasileiras. Na sua obra o perfil de Lucinda é descrito como lascivo e responsável por corromper sua sinhazinha.
 - 9 As flores que Slenes se refere diz respeito a um comentário feito por Charles Ribeyrolles, onde o mesmo afirmou “Nos cubículos dos negros, jamais vi uma flor: é que lá não existem nem esperanças nem recordações”. (2011, p.27), visão que foi desconstruída pelo mesmo.
 - 10 Para um aprofundamento das diversas formas de apropriação religiosas que foram difundidas no Brasil sugiro a leitura de MOTT (1997) e REIS (1991).